

## ***Cientista ou Inovador? Dr. Jekyll or Mr. Hyde?***



GLÁUCIO BRANDÃO

... Ou de outra forma, quando habilitar um destes dois modos!

Muitos de vocês já devem ter visto ou ouvido falar de alguma versão do filme estadunidense *O Médico e o Monstro* de 1941. Recorro aqui à uma sinopse, extraída da Wikipedia:

“O filme é baseado no romance *Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde* (O Estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde) de Robert Louis Stevenson, publicado em 1886. A história se passa em Londres, no século XIX. O médico e pesquisador Henry Jekyll crê que bem e mal existam em todas as pessoas. Jekyll tem muita determinação para provar sua teoria, que é criticada por quase todos que conhece, inclusive por Charles Emery, o pai de sua noiva Beatrix. Após trabalhar incansavelmente em seu laboratório, Jekyll elabora uma fórmula. Não querendo colocar em risco a vida de ninguém, ele mesmo a bebe. Como resultado, seu lado demoníaco é revelado, que ele chama de Mr. Hyde. Mas o pior ainda estava por vir, pois, inicialmente, Jekyll acreditava poder controlar as aparições de Hyde, mas logo ele veria que estava totalmente enganado”.

Evidentemente, o leitor que nos acompanha saberia que GBB-San não poderia deixar passar um belo conto destes sem tentar uma comparação empreendedora-metafórica, como fiz para exemplificar a Transmutação Digital (TmD) com o [Barco de Teseu](#), tentar entender o ecossistema baseado em *stand up* da província de “Natalino” por meio da [Alegoria da Caverna](#) ou querer acordar o povo pré-COVID para a realidade pós-COVID no artigo de um ano atrás [Acorde Neo... Saia da Matrix. Não há mais empregos!](#).

Metáforas à parte, gostamos de paralelismos, pois nosso cérebro ama mais o padrão do que a lógica, como evidencio em [Quer que eu desenhe?](#). Usarei então a dupla médico-monstro para mostrar que precisamos de ambos, se quisermos reconstruir o próximo - talvez novo - mundo melhor. Um reset já foi dado.

## **Eu, Dr. Jekyll!**

Em meu artigo zero para a coluna [Empreendedorismo Inovador](#), conto brevemente minha trajetória científica, a qual teve por mote a série de 1973, [O Homem de Seis Milhões de Dólares](#), quando meu pai e eu aguardávamos ansiosos a noite do sábado para assistir as aventuras de Steve Austin, que após um acidente aéreo teve partes do corpo substituídas. Foi meu primeiro acesso à palavra ciborgue.

Enveredar na eletrônica na antiga ETFPE e construir meu primeiro computador com processador Z80 aos 14 anos, deu-me a certeza de que seria um cientista. Mais à frente, a Engenharia Eletrônica construiria uma ponte para o mestrado em Biofísica e Radiobiologia. O doutorado na Engenharia Elétrica - o qual seria o ratificador de minhas habilidades em desenvolver coisas no domínio do “Estado da Arte” -, foi conseguido graças aos resultados do mestrado e à implementação de equipamentos médicos para a [TMED](#), empresa que forjou meu lado empreendedor.

Mantendo a *vibe* em construir o primeiro *Six Million Dollar Man*, pouco depois de ingressar na UFRN, tive a chance de criar o Depto. Engenharia Biomédica, no qual fiquei à frente por cinco anos. Sempre avesso a artigos acadêmico-científico, tinha que mostrar alguma produção minimamente acadêmica, o que foi conseguido com a dedicação à extensão universitária, através da criação das incubadoras da UFRN e, mais tarde, na ajuda à aprovação e implantação do PPgCTI, primeiro mestrado em inovação pura em universidade pública no Brasil. Não consegui avançar mais cientificamente como queria. Só para registrar, não me considero e não sou cientista; apenas um engenheiro. Fim do ciclo Dr. Jekyll. *A dream it's over!* Porém, apenas um.

## **Eu, Mr. Hyde!**

Ser cientista *stricto sensu* aqui no Brasil, definitivamente, é para poucos. Conheço quase nenhum. Como falei uma vez em palestra - o que levantou um coro danado (acho que não positivo) -, muitos aqui se autodenominam sê-lo, quando, na verdade, não passam de meros “juntadores” de tecnologias ou de ciências já validadas.

Sério isso, GBB-San? Então prove! Vou provar pela ausência: conte nossos prêmios Nobel ou outras modalidades, royalties que recebemos, nossos laboratórios de ponta, o ranking de nossas universidades, nosso score PISA, e compare com o mundo afora. O impacto de uma nação tem por termômetro sua Ciência. Nossa temperatura está baixa.

Então, “Mestre dos Magos”, quais os requisitos para sermos ou termos cientistas? Ser cientista no modo *stricto*, não é ter doutorado ou mestrado ou especialização ou até mesmo uma graduação. É, claro, utilizar o método científico - observar, conjecturar, experimentar e generalizar - e ter o mais importante, o quinto elemento, o qual eu chamo de **fail fast**. Trazido do *design thinking*, o *fail fast* diz que temos de errar rápido, abandonar o desnecessário, reforçar os pontos positivos e recomeçar a abordagem aprendendo com isso, de modo a não refazer o mesmo caminho. A consequência desse trajeto será, irremediavelmente, a criação. Diria então que na bagagem do cientista moderno nacional, faltam os termos “*feedback*” e “coragem” em não manchar a biografia, muito em moda por estes tempos, que está registrada numa tal de Plataforma Lattes.

Você conhece alguém que utiliza *observar-conjecturar-experimentar-generalizar-falhar-ouvir-corriger-retornar* e ao final conjugar o verbo “criar” de modo sistemático? Se sim, chame-o de cientista. Do contrário, diga que esse vivente está apenas juntando o que alguém já fez e, que nesse caso, não agregamos valor a muita coisa, viveremos de commodities e dependentes dos avanços alheios, o que refletirá diretamente em nossa liberdade econômica. Esse é nosso *status quo*, resumo da ciência brasileira. Há exceções, só não as conheço.

### **Colocando uma segunda “jaca na cabeça”**

Não há vergonha em não ser reconhecido cientista; vergonha há em não tentar. O único problema que ocorre nisso tudo é a auto proclamação. Só poderemos corrigir essa nossa falha científica se admitirmos que ela existe. Enquanto isso, percebi que podemos utilizar outro caminho, o da inovação. Em **Ciência, tecnologia e inovação: ordem errada!**, sugiro que tomemos exatamente o caminho inverso, se quisermos dar um sentido à Ciência brasileira, para que volte a florescer. Lá eu escrevo:

- *Primeirão*. Procuraríamos o que resolver. A ONU cita 17 broncas grandes. A isso daríamos o nome de INOVAR! “Os maiores problemas do mundo são os maiores mercado do mundo”.
- *Segundão*. Vasculharíamos as tecnologias que já temos disponíveis. Temos um bocado de patentes e registros sem uso. Seria um bom lugar e começo para procurar. Vamos chamar esta etapa de TECNOLOGIAR (hoje eu tô criativo!).

- E, *finalmente*... Se o balde de patentes não cobrisse nossas expectativas, criaríamos a ciência para aprimorar a tecnologia “capenga” sem uso ou iniciariamos novas ciências. Essa etapa a gente já sabe o nome: UNIVERSIDADE!

Depois que escrevi este artigo em setembro de 2019, revi minha carreira. Como naqueles filmes em que o protagonista vê sua vida passar durante uma experiência de quase-morte, me vi entrando no Depto. de Eng. Computação da UFRN e saindo; criando o Depto. Eng. Biomédica e saindo; ajudando a criar o IMD (Instituto Metrópole Digital) e saindo; criando a Inova Metrópole, gerenciando-a e saindo; ajudando a aprovar o Mestrado de Inovação, coordenando-o e saindo. Por último, me vi criando a inPACTA e também saindo. A única coisa que não saiu de mim foi o espírito empreendedor-inovador. Percebi que todos os *checks out* aconteceram porque tentei inovar em um meio que não suporta isso. Desta forma, devo mirar para o outro lado, o Mercado, e tentar a extensão inovadora. Pelo menos será um outro caminho.

Comecei a “trabalhar incansavelmente em meu laboratório mental”, produzi um fórmula e “não querendo colocar em risco a vida de ninguém”, eu mesmo a bebi. Entrei então em um *Estado da Inovação* e, ao contrário do Mr. Hyde, transformei-me em Mr. Light: vou tocar minha própria startup! A **IncaaS** (incaas.com.br) é essa consequência, minha mais nova [Jaca na Cabeça](#).

### **Já finalizando, quando utilizar um ou outro modo?**

Estar como o Dr. Jekyll ou o Mr. Light exige estratégia. Costumo utilizar a abordagem do futebol americano. Para o ataque, habilite o modo *Inovador*. Para defesa, o *Cientista*! Arrisque-se com segurança. Se a dúvida começar a “cutucar sua micuca”, dê ré e volte à prancheta. Dê uma chance ao seu lado cientista.

Neste texto, em alguns momentos fui Jekyll, em outros Hyde. Aparentemente bipolares, estas faces pertencem a um mesmo problema: a falta de definição científica, de um modelo claro. Adianto dizendo que não vejo onde pedi desculpas. Afinal, de médico e louco, todos temos um pouco!